



Quatro descobrimentos
da América

BIBLIOTECA INFANTIL "ANCHIETA"

SEGUNDA SÉRIE

VOLUMES PUBLICADOS:

1. *Trânsito entre as Formigas*
Antônio Vieira
2. *Quatro Descobrimentos da América*
Olga Jaguaribe Ekman Simões
3. *João Felpudo*
Contos de Hoffmann
Adaptação de Geraldo de Ulhôa Cintra
4. *Maria Feliz*
Jaçanã Altair
5. *O Cavallo de Tróia*
Paulo Cretela
6. *O Gigante Derrotado*
Condessa D'Hasamée
Traduzido por Haydée Calmasini
7. *Aventuras de Mimí Gabola*
Kurt Eppenstein

A

Arnaldo Marcos A. da Mota

dedica este livro

A AUTORA

"Biblioteca Infantil Anchieta"

— SEGUNDA SÉRIE —

Olga Jaguaribe Ekman Simões

Quatro descobrimentos da América

808.068
55930/



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE
INSTITUTO NACIONAL DO LIVRO
End. Avenida Rio Branco nº. 219/30
Edifício da Biblioteca Nacional - Rio de Janeiro

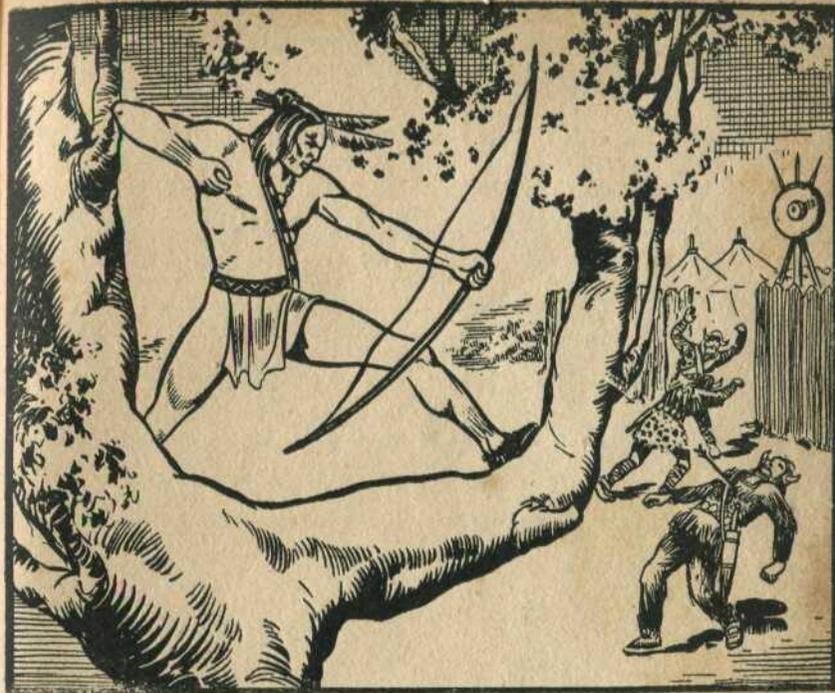
1941

Editora Anchieta Limitada

Rua Xavier de Toledo, 216. - S. Paulo

DIREITOS EXCLUSIVOS
DE ILUSTRAÇÕES E TEXTO

da
EDITORA ANCHIETA LIMITADA



I

REINAVA, na Groenlândia, um grande entusiasmo pela expedição que Thorfinn Karlsfene organizara para a colonização da Vinlândia. (1)

Ancorados no porto, três navios, completamente equipados, esperavam pelo momento da partida e, dia a dia, activavam-se os preparativos para o arriscado empreendimento.

Audaciosa tentativa, a travessia do atlântico no ano 1000!

Em pequenos navios sem bússola, guiados apenas pelo sol e pelas estrelas, os Vikings, corajosos e intrépidos, aventuravam-se pelos mares a-fora, sempre em busca de novas aventuras, de novas terras.

Leif Erikson, filho de Erik, o Vermelho (2), fora o primeiro a alcançar a América.

No anno 999 Leif partiu para a Noruega, onde foi batizado, e ao regressar levou consigo um padre norueguês, pois prometera ao rei Olaf introduzir a religião Cristã na Groenlândia.

Mas os ventos levaram-no para muito longe do seu destino, e Leif veio a desembarcar nas praias da América.

Tendo encontrado, na nova terra, grande quantidade de vinhas selvagens, Leif chamou-a de "*Vinland*" (terra da vinha). Construiu ali uma casa, e alguns meses mais tarde regressou à Groenlândia, entusiasmado com a sua descoberta. O seu irmão, Thorvald, comprou o seu navio, e, no ano 1004, partiu em procura do acampamento da Vinlândia.

Thorvald passou todo inverno na Vinlândia, e descobriu que o país era habitado por um povo que ele apelidou de "*Scraelingar*" (gente ruim).

Os "*índios*", que não viam os colonos com bons olhos, atacaram o acampamento, e Thorvald foi ferido por uma seta envenenada.

Antes de morrer, pediu para ser enterrado com uma cruz na cabeça e outra nos pés.

Seus companheiros permaneceram na Vinlândia até o fim do inverno; colheram muita uva, e na primavera, voltaram à Groenlândia.

Thorsten, o irmão mais moço de Leif, resolveu partir também para Vinlândia, mas não foi feliz na aventura.

O seu navio perdeu-se numa tempestade, e ele vagou pelos mares, sem rumo, por muito tempo.

No fim do inverno conseguiu encontrar o caminho da Groenlândia, mas faleceu pouco depois.

Aconteceu que, algum tempo depois de sua morte, sua viuva casou-se com um viking sueco, Thorfinn Karlsfene, de que falamos no início deste capítulo.

Durante as noites compridas de inverno, Gudrid, a ex-viuva, contava a seu novo marido as extraordinárias aventuras de seus cunhados, e Thorfinn ficou curioso por conhecer a terra, sobre a qual ouvia tantas maravilhas.

Esperou pela primavera, e organizou uma expedição à Vinlândia, onde pretendia estabelecer-se definitivamente.

Gudrid encorajava-o neste empreendimento.

Seu entusiasmo era contagioso e as adesões avolumavam-se dia a dia.

A data da partida já fora marcada, e a equipagem dos navios estava completa; 70 homens já se tinham engajado para a arriscada aventura. E alguns deles levaram consigo suas mulheres; mulheres corajosas, que a exemplo de Gudrid, estavam decididas a seguir com seus maridos, sem vacilar diante dos perigos da ousada expedição.

Todos os escassos recursos de que dispunha, então, a população da Groenlândia foram postos à disposição de Thorfinn Karlsfene.

E nos porões de seus navios, amontoavam-se ferramentas, rocas de fiar, peles, mantimentos...

Alguns animais domésticos tinham sido também incorporados à expedição: uma cabrinha, dois cabritos, gatos, cachorros, patos e gansos.

Estavam todos a postos; Thorfinn esperava, porem, por Olaf Anderson, que fazia parte da tripulação do seu navio. Homem forte e corajoso, de uma lealdade a toda prova, Olaf era um dos elementos de maior valor da expedição.

Olaf morava longe e, como o tempo passava sem que aparecesse, Thorfinn resolveu-se, muito a contra gosto, a partir sem ele.

No dia da partida, porem, apresentou-se, em seu logar o seu filho Magnus, um rapazinho de pouco mais de 15 anos.

Disse que seu pai caíra desastradamente, quebrando a perna; e que ele viera tomar o seu lugar.

Thorfinn não escondeu a sua decepção, e o seu primeiro impulso foi dizer ao rapazinho que não aceitava a substituição.

— Precisamos de homens, e não de crianças como você, principiou ele.

Mas... Magnus olhava-o de frente, altaneiramente, e sua coragem e força de vontade transpareciam no seu olhar.

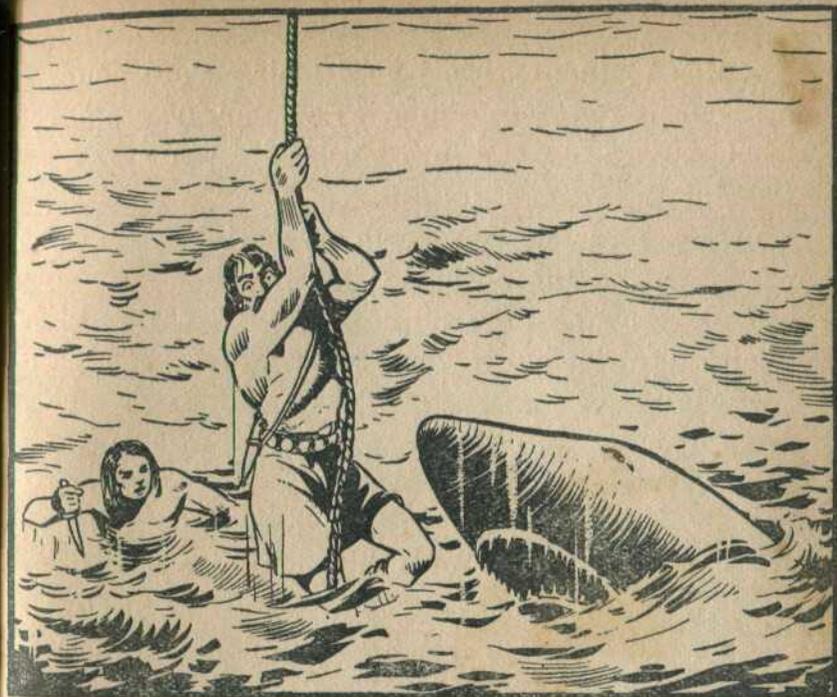
— Tu pareces ter herdado o carater de teu pai, disse Thorfinn, depois de alguns instantes de hesitação. Talvez ainda resolva a levar-te comigo. Diga-me uma coisa, Anderson consente na tua partida?

Magnus respondeu afirmativamente. O consentimento de seu pai fora facil de obter. Mas, acrescentou ele, com uma expressão comovida nos seus olhos azues, que o consentimento de sua mãe fora bem mais difficil... conseguira-o, no entanto. E estava pronto a partir e a partilhar corajosamente dos perigos e aventuras do arrojado empreendimento.

Queria partir, substituindo o pai; queria partir buscando também outras terras, menos geladas mas tão belas quanto a sua Groenlândia!

Um dia, quando tornassem à pátria, ele, já homem, haveria de ter prazer narrando ao pai o seu valor e consolando sua mãe, que não haveria de arrepender-se de lhe ter dado licença de partir, licença que tanto pedira!

E Magnus passou, assim, a fazer parte da equipagem de um dos navios vikings que, no ano 1007, partiram da Groenlândia para a Vinlândia.



II



VIAGEM iniciara-se sob bons auspícios. Mar calmo e sereno, dias claros, de sol, lindas noites de luar...

Uma brisa suave e constante enfunava as velas dos navios e a equipagem passava os dias alegres e despreocupada, sonhando com a terra maravilhosa que brevemente esperava alcançar.

(1) No fim deste livro, transcrevemos alguns dados históricos sobre a descoberta da América do Norte pelos Escandinavos.

(2) Erik, o Vermelho, foi desterrado para a Groenlândia por ter cometido um assassinato, e levou consigo os seus três filhos; Leif, Thorvald e Thorsten. Foi ele o primeiro colonizador da Groenlândia.

Mas... tudo corria bem demais. Para aqueles homens rudes, acostumados a lutar incessantemente contra os elementos, a ociosidade tornava-se pesada.

Logo no início da viagem, os marinheiros descobriram, porém, um meio de passar o tempo. Magnus Anderson era novato, inexperiente, marinheiro de primeira viagem — que ótimo bode expiatório!

Como era divertido, por exemplo, fazê-lo tropeçar sobre uma corda esquecida, como que por acaso sobre o convés do navio, corda que, à sua passagem, esticava-se repentinamente...

Ao jantar, a sua sopa de aveia aparecia temperada com água do mar — amabilidade do cozinheiro de bordo — e, à noite, quando o pobre Magnus se recolhia ao porão para dormir, encontrava, debaixo da pele de urso que lhe servia de coberta, espinhas de peixe, ratos mortos e outras gentilezas semelhantes.

Magnus reprimia, a custo, o impulso de investir contra os seus atormentadores. Mas lembrava-se que seu pai costumava dizer: “nunca provoques uma briga, se não tens certeza de vencê-la...” E como as suas probabilidades de vencer eram nulas, ficava quieto, e augmentava, com estocismo as “julgamentos” dos marinheiros.

O seu mais acirrado inimigo era Johann: — homem bruto e sem escrúpulos — um dos piores elementos da tripulação.

Aconteceu que u'a manhã, tendo-se Magnus levantado mais cedo do que de costume, subiu ao convés, onde encontrou Johann na sua ocupação predileta: judiar dos outros.

Desta vez a vítima era Karr, um lindo cão dinamarquês, muito manso, que todos a bordo estimavam.

Todos, com exceção de Johann. O malvado marinheiro passara uma tira de pano pela barriga do cachorro, e amarrara-o com uma corda à grade do convés.

Em seguida empurrara o pobre animal, que ficou dependurado no espaço, esperneando, muito aflito, e uivando de fazer dó.

E o pior é que em baixo, no mar, estava à espreita um tubarão, que, já há dias, vinha seguindo o barco.

Com cada balanço do navio, o pobre Karr aproximava-se das ondas, e o tubarão, com a enorme boca escancarada, dava um bote, num esforço inútil para alcançar a presa, que permanecia sempre fora de seu alcance...

Johann divertia-se a grande, com o espetáculo, e ria-se a bandeiras despregadas.

Magnus aproximou-se, curioso, para ver o motivo de toda esta alegria; quando viu de que se tratava, ficou indignado, e sem hesitar, passou a mão na corda para içar o cachorro até ao convés.

Mas Johann não pretendia interromper, assim depressa, o seu cruel passa-tempo, e investiu contra o rapaz aos soccos e pontapés.

— Espera que eu te ensino! Vociferava ele fora de si. Miseravel! Atrevido! Suma-te da minha frente, se não queres servir de comida aos tubarões!

A luta travara-se, violenta e brutal. Agarrado à grade do convés, Magnus resistia as investidas do marinheiro que o esmurrava, jogando sobre ele todo o peso do seu corpo. Subitamente, porem, a velha grade de madeira cedeu ao peso dos homens em luta, e com um grito de horror, caíram ambos em pleno oceano, arrastando tambem na sua queda, o cão dinamarquês.

— Homem ao mar! E' o grito que parte de todos os lados.

E transidos de horror, os tripulantes assistem ao drama, que se desenrola diante de seus olhos.

Uma corda fôra lançada ao mar; Johann foi o primeiro a agarrar-se a ela, e tentou, desesperadamente, subir para o convés.

Mas era ele a primeira vítima marcada pelo tubarão...

Tombou, porem, ferido de morte. Rápido como um raio. Magnus lhe enterrara a faca na barriga, salvando assim o seu perseguidor da mais horrivel das mortes.

Mais tarde, estavam os dois, a salvo no convés do navio, em companhia de Karr, que uivando de alegria, procurava lambe as mãos do seu bemfeitor.

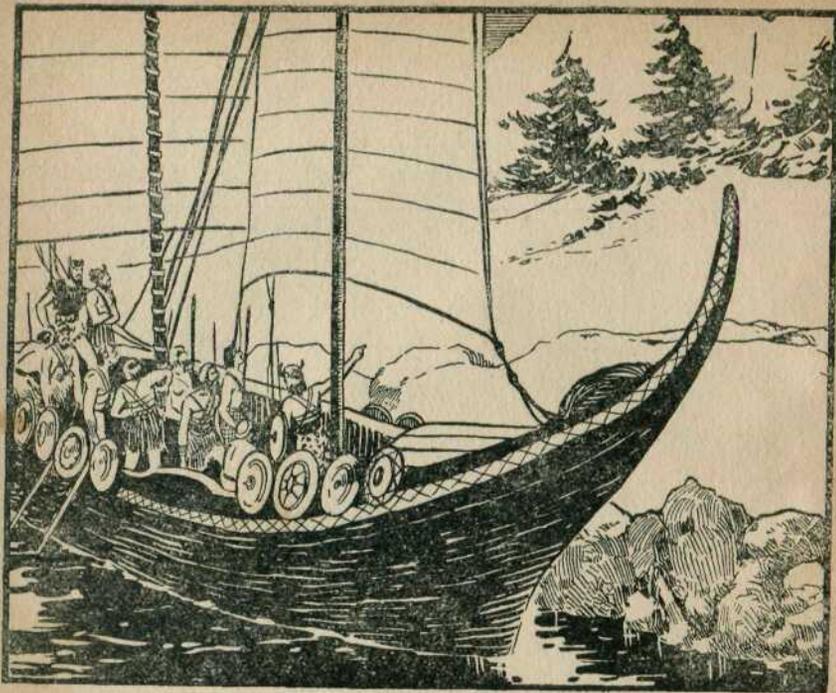
— Tu me salvaste a vida, disse Johann, estendendo a sua mão a Magnus; eu te agradeço. E acrescentou, na sua linguagem rude: Não sei por que o fizeste. Só tinhas motivos para odiar-me...

— Mas eu sou cristão, respondeu Magnus. Não posso odiar ninguem.

Johann compreendeu então, pela primeira vez a beleza da religião cristã, que ele sempre ridicularizara.

A boa semente fora lançada, e Johann foi-se instruindo, pouco a pouco no cristianismo.

Ele veio a falecer, algum tempo depois, em consequência de ferimentos recebidos numa escaramuça com os índios. Mas antes de morrer, pediu para ser batizado, e morreu bemdizendo ao rapaz que lhe dera a visão tão consoladora de uma vida futura.



III

IMPOSSIVEL de descrever, a alegria dos colonos escandinavos ao desembarcarem no continente americano.

A audaz aventura, que a tantos parecia irrealizavel, fora coroada de pleno êxito!

Thorfinn sentia-se feliz e orgulhoso, por ter conseguido levar a termo a arriscada empresa.

Chegara são e salvo à Vinlândia, à terra maravilhosa de que tanto ouvira falar.

O entusiasmo era geral, e todos concordavam em dizer que Leif Erikson não exagerara nas suas descrições; que fertilidade incrível!

Acostumados à aridez da Groenlândia, os escandinavos olhavam, maravilhados para a vegetação exuberante que os rodeava por todos os lados.

O desembarque efetuou-se com muita ordem, e em seguida os colonos puseram-se à procura de um local adequado para a construção de um acampamento.

Com a coragem e perseverança que lhes era peculiar, puseram logo mãos à obra.

Havia serviço para todos: — mulheres, moços e velhos. O inverno aproximava-se e não havia tempo a perder. Enquanto uns partiam para as florestas, de machado ao ombro; trabalhavam outros, no local escolhido para o acampamento, capinando, serrando, martellando... Ninguém viajava, na Vinlândia.

Thorfinn organizara admiravelmente a vida do acampamento e distribuira o serviço de acordo com as aptidões de cada um.

Magnus — que se acostumara desde pequeno a acompanhar o pai nas suas caçadas de focas e ursos brancos — fora encarregado de procurar,

nas matas da redondeza, caça para consumo do acampamento. E não era pequeno, este consumo...

Magnus, porém, estava à altura da situação; saía pela madrugada, acompanhado pelo fiel Karr, que se tornara um precioso auxiliar nas suas caçadas e raramente voltava de mãos vazias.

Desde o incidente do tubarão, o cachorro tornara-se seu companheiro inseparável e seguia-o, como uma sombra, por toda a parte.

E, quando, ao cair da tarde, reuniam-se os colonos em torno da fogueira para saborear as deliciosas perdizes assadas ao espeto, Magnus não se esquecia que era a seu fiel companheiro que devia, em grande parte, os sucessos de suas caçadas; e repartia sempre com ele o seu quinhão.

A construção do acampamento prosseguia ativamente, e o inverno encontrou os colonos instalados em sólidas casas de madeira, que ofereciam um abrigo seguro contra o frio. Nos celeiros havia abundância de salmão e carne seca, e nos arredores do acampamento o trigo tinha sido semeado em campos cuidadosamente preparados.

A colheita de uva selvagem fora abundante, e os barris estavam repletos de vinho.

Restava apenas uma coisa a fazer: esperar pacientemente pela primavera.

Mas a atividade dos escandinavos não cessou com a chegada do inverno.

Recolhidos as suas casas, os colonos continuavam a trabalhar e a produzir. Enquanto as mulheres cozinhavam, fiavam e teciam, os homens ocupavam-se nos mais variados misteres.

Havia ainda tanta coisa por fazer! Mesas, cadeiras, camas e armários; gamelas e pratos de madeiras, sapatos, casacos de pele... Havia falta de tudo. E mais ainda. Os colonos preparavam-se também para o encontro com os "Scraelinger", a "gente ruim" que havia sido causadora da morte de Thorvald (1).

Os escandinavos tinham trazido consigo objetos de cobre, e uma variedade de presentes para os índios. Esperavam assim, conseguir a amizade dos selvagens, e durante todo o inverno, iam acumulando mais presentes para os "Scraelinger".

Com a chegada da primavera, chegaram à colônia os primeiros índios. Com que curiosidade examinavam-se, de parte a parte, índios e escandinavos!

Desta vez os selvagens vinham com disposições mais pacíficas; aproximavam-se em pequenos grupos, muito desconfiados, mas pouco a pouco iam perdendo o receio, e mostravam-se encantados com os presentes dos escandinavos.

Os índios ofereciam peles em troca, e estabeleceu-se, assim, um intercâmbio muito proveitoso para ambos os lados.

Desconfiados sempre, mas prazenteiros, entusiasmados até com as novidades, aqueles indígenas, por algum tempo ainda, teriam disposições mais ou menos pacíficas.

Mas, no fim, toda conquista por mais humana que seja, sempre trará algum revés!

Um selvagem não pensa como o civilizado.

Embora as novas regiões fossem imensas, férteis e oferecessem lugar para todos — índios e groenlandeses —, a maior ambição dos primeiros impediria, algum dia, a civilização dos segundos.



IV



VIDA na colônia tomara um ritmo calmo e normal.

As colheitas de trigo foram boas, as de centeio bem regulares.

Em convívio com os índios, os colonos aprendiam a utilizar-se de uma grande variedade de frutas e raízes, e a fartura reinava na Vinlândia.

(1) Episódio inicial desta história — Ver capítulo I.

No ano seguinte (1008) registrou-se um acontecimento que trouxe a todos grande alegria. Nasceram, no continente americano, a primeira criança branca!

O menino foi batizado com o nome de Snorre. Como era mimado e querido! Até os índios traziam presentes para ele, e, nas suas visitas ao acampamento, pediam invariavelmente para ver o "menino de neve", como eles o haviam apelidado.

Encantado com as faces rosadas e os olhos azues do pequeno Snorre, um chefe índio chegou mesmo a propor a troca de seu filho pelo menino branco.

Vendo que a sua proposta era rejeitada com horror, o índio chegou à conclusão que, provavelmente, uma criança branca valia mais do que uma de pele vermelha.

Mas não fosse essa a dúvida. Na sua tribo não faltavam crianças, e ele estava disposto a dar, pelo menino de neve, quatro ou cinco bebezinhos de bronze....

Nem todos os índios tinham, porem, o mesmo desapego pelos filhos e o fato ficou sem maiores comentários, pois o acaso permitiu que, tendo Magnus conseguido salvar a vida de um pequeno índio, grangeou, em recompensa, a gratidão de seu pai.

Magnus voltava uma tarde ao acampamento, depois de percorrer as florestas como de costume, em busca de caça.

Ao aproximar-se de uma clareira, o rapaz teve a sua atenção despertada por uma águia gigantesca, que voava sobre a sua cabeça, em círculos cada vez mais baixos.

Magnus foi se chegando devagarzinho, por entre as árvores, e pôde ver, afinal, qual era a presa perseguida pela ave de rapina.

Deitado no chão, ao lado do corpo inerte de sua mãe, um índiozinho de poucos meses de idade, chorava desesperadamente.

A pobre índia, tinha sido mordida no tornozelo por uma cascavel, que lhe cravara os dentes numa artéria, e tivera morte instantânea. Magnus chejava mesmo a tempo de evitar para o seu filhinho, u'a morte mais horrível ainda.

Sem perda de tempo, Magnus armou o arco, que ele manejava com uma perícia digna de um índio, e, instantes depois, a flexa partia certa, indo cravar-se sob uma das asas da ave de rapina, que caiu pesadamente ao solo.

Magnus aproximou-se da águia, que apesar de ferida, se defendia valentemente com o bico e as possantes garras, e conseguiu, não sem dificuldades, matá-la a pauladas.

Em seguida ajoelhou-se ao pé da índia, e verificou, com o coração constrangido que era Killoolitt (1) que ali jazia sem vida; a meiga Killoolitt, que tantas vezes visitara o acampamento dos escandinavos, em companhia de seu marido Hawahak (2), o chefe dos índios Kupwakis (3).

Magnus cerrou piedosamente os olhos da pobre índia, cruzou sobre o seu peito as esguias mãos bronzeadas, e depois de uma rápida oração, levantou-se desajeitadamente, com o índiozinho nos braços.

Era a primeira vez que carregava uma criança; e, verdade seja dita, não se sentia com muita inclinação para a nova incumbência.

Mas não podia deixar alí o pobrezinho e partiu com ele, em busca do acampamento dos Kupwakis.

Na clareira ficara apenas o fiel Karr, guardando, como Magnus lhe ordenara, a índia morta.

Reinava, enquanto isto se passava, uma grande inquietação no acampamento dos escandinavos.

A noite caía, e Magnus não voltara... Que teria acontecido, perguntavam-se, uns aos outros, os colonos, que tinham o rapazinho em grande estima.

Receando que ele se tivesse perdido, Thorfinn deu ordem para que uma grande fogueira fosse

acesa no topo de uma colina; mas o fogo ardera a noite toda inutilmente.

Magnus pernitoou no acampamento dos Kupwakis; alí chegara já à noitinha, e no dia seguinte dirigiu-se com Hawahak até à clareira, onde jazia a pobre Killooliit.

A tribu dos Kupwakis acompanhava, em peso, o seu chefe; e cantando uma toada triste, os índios partiram em fila, levando consigo o corpo da infeliz Killooliit...

E Magnus, só então regressou ao acampamento, onde foi recebido com grandes demonstrações de alegria.

-
- (1) Killooliit significa: pardal de peito branco.
(2) Hawahak — o gavião.
(3) Kupwakis — a coruja.



V

DURANTE algum tempo os escandinavos gozaram de paz e sossego na colônia que tinham fundado no Novo Mundo.

Mas os índios, a princípio tão pacíficos, tornavam-se cada vez mais exigentes, e assediavam os colonos com imposições de toda a espécie.

Não havia nada que os contentasse; voltavam sempre, cada vez mais numerosos, e a vida foi-se tornando muito difícil na Vinlândia.

As hostilidades recomeçaram; pequenas escaramuças a princípio, transformaram-se rapidamente em batalhas renhidas e sangrentas.

Os escandinavos eram guerreiros terríveis; e embora combatessem com grande inferioridade numérica, tinham a seu favor melhores armas. Mataram muitos índios, e as tribus restantes fugiram para o interior do país.

Tudo parecia ter voltado à calma.

Thorfinn desgostara-se, porem, com estes acontecimentos. Muitas vidas preciosas se tinham perdido nestes embates, e abriram-se vazios nas fileiras daqueles intrépidos colonizadores.

Cançado de lutar, Thorfinn resolveu abandonar a colônia que fundara com tantas dificuldades.

E Gudrid, que sempre o animara com sua coragem fora do comum, era agora a primeira a aconselhá-lo a voltar. Entre os gelos da Groenlândia, estariam livres dos terríveis "Scaelinger", que tornavam intolerável a vida naquela terra fértil e linda.

A notícia de que Thorfinn resolvera voltar para a Groenlândia, foi recebida com alegria pela maioria dos escandinavos. Alguns colonos recusaram-se, porem, a abandonar as suas casas, e as

plantações iniciadas com tanto trabalho. Mais arrojados e audaciosos, consideravam-se perfeitamente capazes de dominar os índios e não houve argumento que os convencesse do contrário.

Magnus estava resolvido a voltar com Thorfinn para a Groenlândia.

Pensava, como ele, que a permanência dos escandinavos na Vinlândia era um loucura. Era verdade que os índios tinham fugido para o interior do país, mas eles eram vingativos e haviam de voltar.

Qual seria então o destino dos escandinavos, que ficavam em número tão reduzido?

Quando faltavam apenas poucos dias para a partida de Thorfinn, Magnus embrenhou-se pelas matas da Vinlândia, num longo passeio de despedida.

E a tristeza oprimia seu coração, ao lembrar-se que percorria, pela última vez, aquelas florestas tão cheias de encanto.

O fiel Karr, que o acompanhava, como sempre, caminhava a seu lado triste e cabisbaixo, como se tivesse um pressentimento da separação que se aproximava.

Magnus vagou sem rumo, distraidamente, por muito tempo, afastando-se bastante do acampamento. Quando se preparava para voltar, teve subitamente um encontro inesperado: Hawahak, que

ele julgava a muitas milhas de distância, pulara repentinamente na sua frente.

Depois de trocar, com Magnus, os cumprimentos cerimoniais de sua tribo, Hawahak explicou que, tendo sido informado da volta de Magnus para a Groenlândia (Thorfinn já desconfiara de que estavam sendo vigiados) viera trazer-lhe a prova de sua gratidão.

— Esta é a planta de uma mina de ouro descoberta pelos Kupwakis, disse ele, desenrolando uma pele de veado, onde se via um traçado curioso, queimado a fogo...

E o índio contou que ficara combinado, entre os Kupwakis, o seguinte: Magnus salvara a vida do futuro chefe da tribo, o pequenino Cheoques (1) e, como recompensa, os Kupwakis lhe concediam direito a uma parte da mina.

Com a apresentação do “documento” que lhe fora entregue, Magnus conseguiria sempre, para si, ou para os seus descendentes, um guia fiel e dedicado...

Magnus agradeceu o régio presente que o índio lhe oferecia. Mas, infelizmente, ele partiria dali a poucos dias, e era muito pouco provável que viesse a pisar novamente em terra americana...

(1) Cheoques — o coelho.



IV



VIAGEM de volta foi longa e penosa.

Thorfinn regressara para a Groenlândia com um carregamento precioso de madeiras, peles e uvas; mas deixava para sempre, na Vinlândia o seu entusiasmo e mocidade...

O corajoso Viking e seus companheiros foram recebidos com grandes demonstrações de alegria.

Os habitantes da Groenlândia não se cansavam de ouvir as extraordinárias aventuras narradas pelos audazes colonizadores: as lutas com os índios, as caçadas de animais estranhos... Examinavam com curiosidade, as peles trazidas do Novo Mundo, procurando reconstituir, em imaginação, toda aquela variedade incrível de animais desconhecidos.

Magnus recebeu, ao desembarcar, uma triste notícia: seu pai falecera, logo após a sua partida para a Vinlândia, e sua mãe vivia agora sozinha com a sua afilhada Ingeborg.

Ingeborg, que Magnus conhecera pequenina, era agora uma linda moça; alta e loira, ela tinha, nos seus grandes olhos azues, uma expressão meiga e bondosa, que cativava a simpatia de todos que a rodeavam.

Encantado com os seus dotes de espírito e de coração, Magnus não tardou em pedí-la em casamento, e a velha mãe abençoou, com alegria aquele enlace, que realizava as suas mais belas esperanças.

Por uma clara manhã de inverno partiram ambos para a igrejinha de Santa Luzia, onde devia efetuar-se o casamento.

A neve estendera por toda a parte um alvo manto nupcial; toda envolta nas preciosas peles com que Magnus a presenteara, Ingeborg parecia uma princesa dos contos de fadas.

Magnus instalou a sua noiva no pequeno trenó que ele fizera especialmente para ela; collocando-se de pé por trás do banco, estalou no ar o seu chicote, e os cachorros que esperavam, sôfregos, por este sinal, partiram em desabalada corrida, fazendo tilar, no ar puro e cristalino, os sininhos de suas coleiras.

Os amigos esperavam-nos à porta da igreja. E, depois do casamento, partiram todos em alegre cortejo para a humilde e pequena casa nas montanhas, onde a velha mãe os esperava para o frugal almoço de núpcias: sopa de aveia, pudim de peixe, passas e o delicioso vinho de Vinlândia...

A reunião prolongou-se na maior alegria; e para terminar dançaram todos em redor dos noivos, bebendo, em seguida, à saude dos recém-casados, a quem desejaram uma vida longa e feliz.

VII



EPOIS de decorridos cincoenta e dois anos, uma nova expedição partia da Groenlândia para a Vinlândia.

E com ela seguia, para o novo mundo, Gustavo Magnusson, o filho de Magnus Anderson.

Gustavo era o caçula, e como era querido! Querido de seu pai, de suas irmãs mais velhas, que procuravam, com o seu carinho e dedicação, fazer as vezes da mãe que ele perdera ao nascer... Eram todos *doidos* por ele.

Com aperto de coração assistiam, agora, à sua partida! Que louca aventura, a sua! Embrenhar-se, sozinho pelas florestas do Novo Mundo, em busca do caminho da mina de ouro de Hawahak...

Magnus tudo fizera para dissuadí-lo de tão arriscada empresa.

Habituará-o, é verdade, desde a mais tenra idade, à narração dos feitos heroicos dos corajosos Vikings. Iniciará-o nos segredos da navegação, ensinando-o a orientar-se pelo sol e pelas estrelas... E quantas vezes, desenrolando a pele, que lhe fora dada por Hawahak, planejara, com o pequeno Gustavo, que o ouvia maravilhado, uma expedição à Vinlândia.

Mas agora que chegara a ocasião de deixar o filho partir sozinho — pois Magnus já completara 72 anos, e não podia mais pensar em viagens de aventuras —, ele via, claramente, todos os perigos do arriscado empreendimento, que lhe parecia irrealizável quimera.

Mas Gustavo insistia em partir, e Magnus lembrava-se que na sua mocidade, nada o pudera deter. Com um suspiro onde havia muita saudade ele resignou-se ao inevitável.

Durante as longas noites de inverno, Magnus reunia os netos em torno da lareira; com um carvão entre os dedos, delineava no chão a planta da mina de ouro, que ele conhecia de cor, e acompanhava, em imaginação, a expedição que o filho empreendera em busca da mina de Hawahak.

* * *

Assim se passou mais um ano. A primavera voltara, e com ela regressaram à Groenlândia, os intrépidos navegantes em cuja companhia Gustavo havia seguido para o Novo Mundo.

Mas Gustavo não voltara com eles. Os marinheiros contaram que, logo após o desembarque, ele entrara em contacto com os índios Kupwakis, cujo chefe não era outro, senão Cheoques, o filho de Hawahak.

Gustavo embrenhara-se com os Kupwakis pelos sertões a dentro, e nunca mais se ouvira falar nele...

Ninguém duvidava do seu triste destino: fora sem dúvida trucidado pelos índios. Pobre Gustavo!

Magnus recusava-se, porém, a admitir a morte do filho.

E quando soube que estava sendo organizada uma nova expedição para o Novo Mundo, dirigiu-se para a capelinha de Santa Luzia, onde se efetuara, há tantos anos, o seu casamento; ajoelhado ante o altar, pedia a Deus, insistentemente, pela volta do filho.

Aquilo era caduquice do velho, diziam todos. O rapaz já estava morto, há muito tempo, e ele a acreditar na sua volta...

Qual não foi, portanto, a sensação do lugar, ao ver, um dia, o filho pródigo regressar alegre e bem disposto!

Rodeavam-no de todos os lados, para saber se de fato ele conseguira encontrar a mina de Hawahak.

— Aqui está toda a minha fortuna, respondia Gustavo, rindo. E apontava para o monte de peles que trouxera consigo. São peles preciosas, valem o seu peso em ouro!

Pouco a pouco, os curiosos iam-se retirando. Afinal de contas, Gustavo voltava pobre como antes; a tal mina não passava de uma fantasia...

Magnus, porém, não perguntou se o filho tinha ou não encontrado a mina de ouro. Abraçava-o comovido, trêmulo de comoção; tão feliz estava por vê-lo voltar são e salvo, que chorava e ria ao mesmo tempo!

Terminadas as efusões dos primeiros instantes, Magnus entregou a seu pai e a cada uma de suas irmãs, um casaco de peles.

Experimentem os seus casacos, disse ele, com uma expressão brejeira no olhar: quero ver se não errei nas medidas. A costureira foi uma indiazinha da tribo dos Kupwakis, mas fui eu que os cortei!

Alegremente, cada um vestia o seu casaco. Mas... como eram pesados! não se podia andar

com eles! E entreolhavam-se todos, admirados, enquanto Gustavo se ria a bandeiras despregadas...

— Venham cá, disse ele quando pôde falar. Vou contar-lhes um segredo. Se vocês descosturarem os forros de seus casacos, talvez encontrem neles um pouco de ouro da mina de Hawahak...

* * *

Magnus veio a falecer pouco depois destes acontecimentos.

Morreu feliz, rodeado por todos os seus; o ouro da mina fabulosa, com que ele tantas vezes sonhara, chegara tarde.

Mas ele acumulara, durante a sua longa vida de homem bom e honesto, um tesouro infinitamente maior.

Ajuntara, no ceu os seus tesouros, “onde nem a ferrugem os consomem, nem os ladrões os desenterram e roubam”.

Apêndice

Notas sobre a descoberta da América do Norte pelos Escandinavos.

(Enciclopédia Britânica e Allsvensk Samling).



DOCUMENTOS vários existem no Vaticano sobre a descoberta da América do norte por Leif Erikson e sobre a sua colonização, por Thorfinn Karlsfene.

Alem de um documento escrito em 1073, por Adam de Bremen, sobre a Vinlândia, existe ainda, um pergaminho escrito por Antônio Zeno no fim do ano 1300.

Antônio Zeno conta que uns pescadores da Frislândia foram levados pelos ventos até à costa da América do Norte, e ali desembarcaram, sendo muito bem recebidos pelo chefe daquela terra.

Encontraram uma cidade muito bonita, e alguns anos mais tarde (1360), outros navegantes, chegando ao local onde está situado o Estado de Massachussets, encontraram uma verdadeira cida-

de industrial, e condições de vida muito diferentes das dos índios em geral.

Havia um cortume com mais de 300 couros de búfalos, e o nome da cidade era Norumbega.

Quando David Ingram visitou Norumbega em 1550, a cidade tinha três quartos de milha de extensão e 80 casas.

Na divisa entre Cambridge e Watertown o professor Horsford encontrou o lugar onde Leif Erikson construiu os seus depósitos. Foram também encontrados muros e ferramentas dos antigos escandinavos.

Mas as colônias da Goenlândia e da Vinlândia foram pouco a pouco entregues à sua própria sorte, em virtude das dificuldades surgidas com as guerras no norte da Europa, que absorviam navios e marinheiros.

O interesse dos Papas estava concentrado nas Cruzadas, e a peste negra fazia, nesta época (1048-1350), estragos terríveis.

Tudo isto concorreu para que a América do Norte caísse no mais completo esquecimento; só depois da descoberta de Colombo é que os europeus principiaram a colonizar com sucesso o Novo Mundo.

* * *

Mais recentemente, a revista *Science New Letters*, publicou um interessante artigo de Emily Davis, que se refere à descoberta de dados sobre mais uma expedição à América do Norte pelos escandinavos, no ano 1335.

“Há pouco mais de 35 anos, um fazendeiro em Kensington, Minesota, — Olof Ohman — encontrou, sob as raízes de uma velha árvore, na sua propriedade, uma placa de pedra com curiosas inscrições. A pedra ficou em exposição, em Kensington, por algum tempo, e a sua autenticidade foi muito discutida. O Sr. Olof Ohman levou-a de volta à sua fazenda e colocou-a na soleira de seu celeiro, com a parte onde se liam as inscrições para baixo.

Nove anos depois, Hjalmar R. Holand, que estava à procura de dados para a sua História sobre os imigrantes Noruegueses, pediu licença para examinar a pedra.

Encontrou, num canto a data 1362. Estudou cuidadosamente o alfabeto rústico, no estilo do 11.º século e a sua tradução é a seguinte: “(Nós somos) 8 Goths (*godos-suecos*) e 22 noruegueses numa expedição à Vinlândia. Nós acampamos perto de 2 cerejeiras, a um dia de viagem desta pedra. Nós pescamos um dia. Quando nós voltamos, achamos 10 (dos nossos) homens mortos e ensanguentados. Ave Maria livrai-nos do mal. (Nós) temos 10 do nosso grupo, no litoral para vigiar nossos na-

vios (ou navio); 14 dias de viagem desta ilha.
Ano 1362..

Estudando a literatura Norueguesa daquela época, em busca de confirmação o sr. Holand encontrou o seguinte. "Uma expedição nórdica foi enviada para as águas Americanas pelo rei da Noruega e da Suécia no ano de 1355. Parece que esta expedição voltou no ano de 1364.

Alem disto, foram desenterrados em Minnesota, 4 machados em estilo medieval e escandinavo, idênticos aos que figuram nos museus europeus, e tudo leva a crer que brevemente, as crianças terão mais um capítulo de História da América do Norte para estudar. Um capítulo intermediário entre a viagem de Leif Erikson, no ano 1000 e a viagem de Colombo".

Este é o volume n.º 2

da

"Biblioteca Infantil Anchieta"

— Segunda Série —

e

pertence a.....

*Se não encontrar nossos livros na sua Livraria,
queira pedir diretamente à*

EDITORA ANCHIETA LIMITADA
*Rua Xavier de Toledo n. 216
Telefone, 4-9285 — São Paulo*